

O SIGNIFICADO DO CENTRO

O centro é um conceito filosófico, psicológico, religioso, político, ... Cada um de nós que já tentou decifrá-lo, o interpreta de uma maneira algo pessoal, adotando os conceitos de sua filosofia de vida. No entanto, inconscientemente, todos nós estamos permanentemente gravitando em torno de um mesmo centro. Ele é como o núcleo de um átomo ou o centro de gravidade de uma galáxia. Sempre que uma pessoa fizer um movimento em uma direção, alguém fará um movimento oposto, garantindo o equilíbrio do sistema e impedindo que o centro seja afetado. Isto porque em um sistema em equilíbrio, o centro é imutável.

É comum perdermos completamente a direção do centro e passarmos a orientar nossas vidas em direção a um centro falso. Este pode tomar vários aspectos:

Um ideal a alcançar: a formatura, o emprego, a chefia, a gerência, a diretoria, a presidência, a aposentadoria; o casamento, os filhos, a formatura dos filhos, o casamento dos filhos, os netos, ...; a viagem, a capital, a viagem aérea, o exterior; a Estátua da Liberdade, o Big-Ben, a Torre Eiffel, a Capela Sistina, o Muro das Lamentações, ...

Uma meta para o momento: o gol, a caçapa, a cesta, a vitória na partida, no campeonato, o pódio, o primeiro lugar, a medalha, a dezena, a centena, o milhar, o páreo, a acumulada, a loteria, os treze pontos, a quina, o grande prêmio, ...

O acúmulo de bens: o carro, a casa própria, o carro novo, a casa maior, o segundo carro, a casa no campo, o barco, a casa na praia, o iate, ...

Os centros falsos tem a triste propriedade de perderem o valor quando são alcançados. Por si sós eles nunca resolvem problema nenhum. Mesmo aqueles acontecimentos que tem algum significado próprio deixam de ter sentido no momento em que são considerados como centro, pois nunca poderão satisfazer a esta exigência.

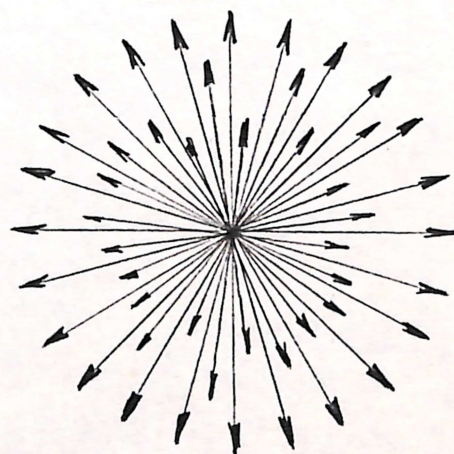
O centro verdadeiro não se encontra fora de nós mesmos, não podendo ser projetado em nada ou em ninguém, por mais qualificado que seja. Ele é ao mesmo tempo universal e individual, a medida em que está dentro de cada um e a medida em que encontrando-o encontramos toda a humanidade e a natureza.

Ele está com você no nascimento e retorna a você na morte. Encontrá-lo ao longo da vida, porém, é algo especial; significa morrer e nascer de novo, morrer para todas as ansiedades, medos e condicionamentos do passado, e nascer para o contato livre e pleno com a realidade presente, o aqui e agora eterno. Neste sentido, o centro é o fim de todas as procuras.

A COISA EM SI

O centro é solução psicológica, é resposta religiosa e é significado filosófico. Mas é também um fato físico absolutamente definido. Começar a falar neste fato físico é a parte mais perigosa da abordagem; significa desmontar os símbolos e desfazer a hipnose cultural em que sempre vivemos. Mas para que a experiência do encontro do centro em vida se torne norma ao invés de excessão, precisamos desfazer o mistério que o cerca.

Desse mistério vivem as religiões e as mitologias, o romance e a poesia, o teatro e o cinema, as idéias filosóficas e políticas, ... Em suma, do mistério do centro vive o mundo que conhecemos, e que, de uma forma ou de outra, quase todos desejam mudar. Só que cada grupo deseja mudar para um lado, e são dezenas, centenas, milhares de grupos diferentes; além disso cada grupo possui suas dissidências. A coisa fica mais ou menos assim: (fig. 1)



Além desses grupos existem as pessoas que desistiram da participação coletiva e estão cuidando só de si; e existem ainda aqueles que já perceberam que isto tudo é uma loucura, pararam de lutar e estão esperando que os outros acabem a briga para tomar contato com a única realidade que sempre existiu: aquela que se vê do centro.

A fuga do centro criou a Roda Viva, mãe da cultura, do progresso e da civilização; mas também, mãe das guerras, das perversões, da poluição, dos campos de extermínio, da bomba atômica, ... Existe a fuga do centro enquanto durar a Idade de Crescimento da humanidade; haverá o retorno ao centro, no dia em que decidirmos que basta de crescimento e iniciarmos a Idade da Razão; aliás, da Razão e do Instinto, juntos, unidos para sempre.

Ao tentarmos explicar o centro, somos cercados de obstáculos por pessoas ansiosas e inquietas, ante a possibilidade de olhar a hipnose de frente. São comuns perguntas do tipo: Com que autoridade?, Com que lógica?; Com que interesse? Com que motivo?. Muitas vezes será impossível fazer a pessoa entender que autoridade, lógica, interesse e motivo são filhos do sistema que vamos estudar; logo, nunca vão conseguir explicá-lo na totalidade. Para entendermos completamente o centro precisamos entender as formas pelas quais o evitamos; entre estas estão a autoridade, a lógica, o interesse e o motivo.

Algumas pessoas tem seu sistema hipnótico de defesa tão bem estruturado que não verão a realidade em hipótese nenhuma. Outras, que já questionaram e enfraqueceram o sistema de alguma forma, estarão mais propensas a ver a verdade. Esta diferença nada tem a ver com inteligência e sim com a força maior ou menor do condicionamento individual, isto é, da distância ao centro.

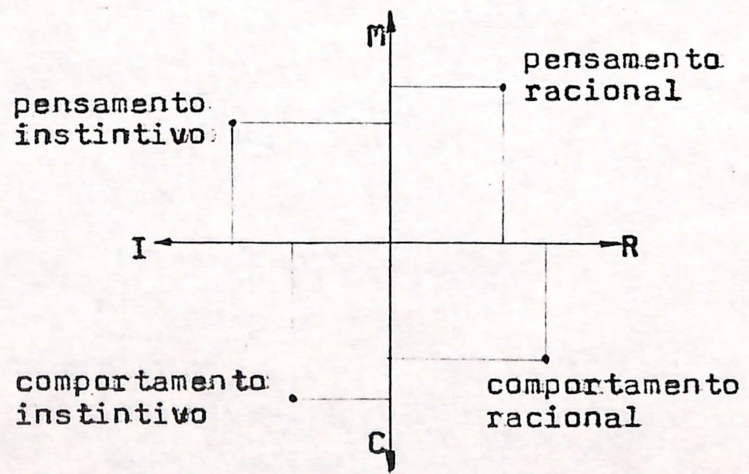
A partir de agora, vamos deixar de lado os conceitos psicológicos, religiosos e filosóficos. Vamos, de uma forma bastante elementar, abordar alguns conceitos matemáticos e físicos das relações entre o Corpo e a Mente. Mais adiante, outras áreas de conhecimento serão abordadas. Aos poucos, todos os conceitos irão convergindo para o ponto de onde provieram, direta ou indiretamente: o centro.

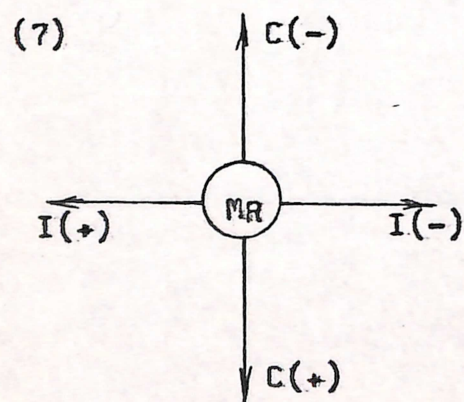
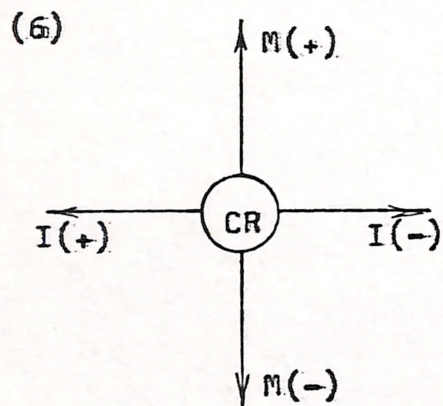
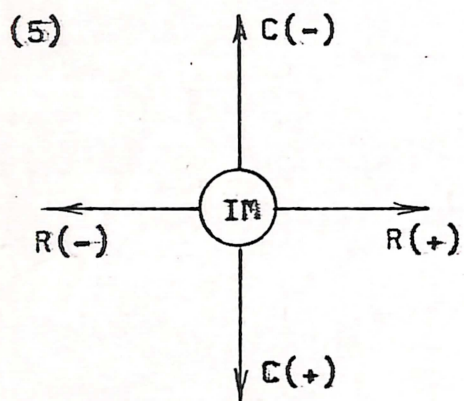
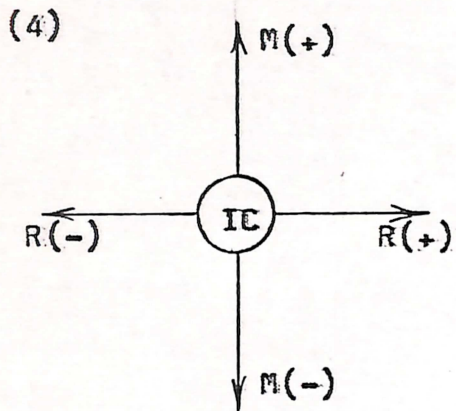
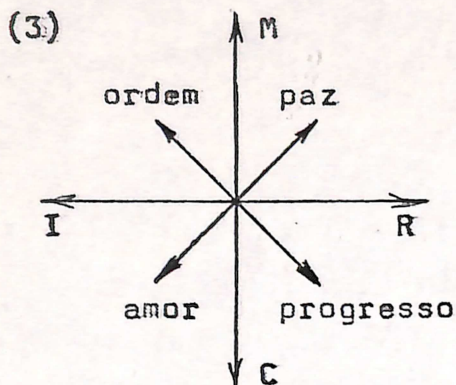
AS COORDENADAS MENTAIS

Uma das variáveis que costuma acompanhar nosso estado de espírito é a distribuição do sangue entre o Corpo e a Mente. O encabulamento faz-nos ficar vermelhos, enquanto que o susto torna-nos brancos; logo, no encabulamento o sangue sobe à cabeça, enquanto que no susto, desce para o corpo. Além desses casos extremos, dá para perceber que as pessoas se diferenciam pela forma com que este balanço de sangue entre o Corpo e a Mente se dá. O pensador introvertido terá mais sangue na cabeça que um atleta ou bailarino. Esta variação de pressão sanguínea entre Mente e Corpo é uma das coordenadas pelas quais vamos comparar as personalidades.

Outra é a tensão mental; vamos ver o que entendemos com este termo. Algumas de nossas atitudes costumam ser classificadas como lógicas ou racionais; são aquelas voltadas para o progresso e o desenvolvimento. Outras são a negação destas, voltando-se mais para a natureza e a conservação; costumamos chamá-las de instintivas, intuitivas ou passionais. Também neste caso as pessoas podem ser classificadas com alguma nitidez entre as que pendem para a Razão ou para o Instinto.

Logo, qualquer pessoa tem, num determinado momento, um ponto de referência na escala Mente-Corpo e um outro na escala Razão-Instinto. Se indicarmos esta situação em um gráfico em que as duas escalas sejam eixos perpendiculares, teremos algo assim: (fig. 2)





Em uma primeira aproximação, podemos definir cada uma destas posições diante da vida assim:

Pensamento Racional - Inclue ousar, analisar, teorizar e conciliar; é a atitude cuja meta principal pode ser definida como PAZ.

Comportamento Racional - Inclue empreender, participar, liderar e acreditar; a meta principal é o PROGRESSO.

Comportamento Instintivo - Inclue desconfiar, provocar, destruir, contestar, denunciar; neste caso a meta principal é o AMOR paixão.

Pensamento Instintivo - Inclue impor, aceder, submeter-se, implorar; a principal meta é a ORDEM.

Com isso nós definimos os eixos positivista - ORDEM E PROGRESSO e existencialista - PAZ E AMOR. (fig. 3)

Nos nossos eixos MC e RI, teremos M negativo quando C for positivo e R negativo quando I for positivo. Assim sendo, podemos considerar o Corpo, sede do Instinto, como centro, em oposição a Mente, sede da Razão. Neste caso, o Corpo e o Instinto passam a ser o Terra ou Neutro do nosso sistema; a Mente e a Razão passam a representar fugas ao contato com a Terra.

Neste caso, representamos nosso gráfico conforme a fig. 4, tirando as seguintes conclusões:

Mente Racional = Consciente Individual = Ego=Alma
Terra = Inconsciente Coletivo = Corpo = Instinto

Libertação = Zen = Satori = Nirvana = Budato = Paraíso = Céu = Morte = eliminação da tensão e da pressão que separam o Ego da Terra.

O Indivíduo se liberta quando aceita o Coletivo.

A Mente se liberta quando aceita o Corpo.

A Razão se liberta quando aceita o Instinto.

Outras versões em que se associa o centro a um ideal ou idéia são ilustrados nas figuras 5, 6 e 7. A cada uma dessas quatro versões corresponde uma vertente de pensamento religioso, político, filosófico e psico-terapêutico.

Continuaremos desenvolvendo nosso estudo na versão inicial, MCRI, correspondente às filosofias orientais que associam o centro ao Nada, ao Vazio, ao que não pode ser descrito. Esta versão nos ajuda a entender melhor nossas divisões internas e suas consequências; ela está também mais presente na literatura, nas artes em geral, na mitologia, nos jogos e nas outras manifestações do Inconsciente Coletivo.

é atentar para o que aflora na superfície; não há necessidade de procurar nas profundezas do passado o que está jorrando no momento presente. Sem perceber que estava generalizando esta idéia, comecei a entender o mundo e suas contradições, simplesmente olhando para o aqui e agora. Com este estado de espírito, o inconsciente deixa de ser inconsciente.

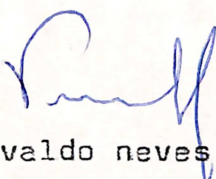
Retomando a idéia inicial, creio que o Universo Mental parou de se expandir em Hiroxima. A partir dali temos tido turbilhonamento, perplexidade e reversão de expectativas. Hoje pensa-se mais em compreensão que em descoberta, em interdisciplina que em especialização, em conjuntos que em detalhes. Os movimentos são comunitários, ecumênicos, universalistas, globais, gestálticos. A partir de Hiroxima, a síntese superou a análise em todos os ramos de conhecimento. As vanguardas que insistem em se afastar do centro, a esta altura, produzem distorção ao invés de expansão.

Nosso Inconsciente Coletivo, há milhares de anos, previu um Apocalipse seguido de um desarmar de espíritos. O mesmo Inconsciente Coletivo, neste nosso ano de 1985, produziu manifestações em todo o mundo, dizendo simplesmente: Hiroxima, nunca mais.

No texto que deixei para sua consideração, eu concluo que o Indivíduo se liberta quando aceita o Coletivo. Parece-me que o freio no Indivíduo começou a ser aplicado quando o Átomo deixou de ser Átomo. Talvez ainda possamos ver o Inconsciente deixar de ser Inconsciente, e a Utopia deixar de ser Utopia.

Obrigado mais uma vez por me ouvir, professor. Me conforta poder falar para alguém que entende a ousadia e abre espaço para ela. Mesmo porque a ousadia não é minha, mas do Coletivo que nos governa.

Cordialmente,


vivaldo neves